**ANTIFEMINISMO: CONSERVADORISMO E (RE)AFIRMAÇÃO SEXISTA NA MÍDIA DIGITAL**

Rainny Santos da Cruz (CNPq)[[1]](#footnote-0)

Unespar/*Campus* de Paranaguá, cruzrainny@gmail.com

Dulce Elena Coelho Barros (Orientadora/a)

Unespar/*Campus* de Paranaguá, dulce.barros@unespar.edu.br

Modalidade: Pesquisa

Programa Institucional: PIBIC: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

Grande Área do Conhecimento: Linguística, Letras e Artes

**INTRODUÇÃO**

Este artigo analisa o impacto do discurso antifeminista, que tem se intensificado nas redes sociais e na internet, sobre a sociedade e as conquistas dos movimentos de mulheres. A pesquisa investiga como esse discurso influencia a percepção social sobre o feminismo, a exploração do slogan "sou feminina, não feminista" que vem ganhando muitas mulheres como seguidoras, e como se perpetua a visão de que o movimento feminista anula a feminilidade. Em especial, o estudo examina o movimento Red Pill, que defende a ideia de que os homens são oprimidos por mulheres que utilizam sua feminilidade como "arma".

Fundamentada nas teorias de Michel Foucault e Van Dijk, a pesquisa busca desnaturalizar esses discursos dominantes que reforçam desigualdades e hegemonias, promovendo uma análise crítica das visões conservadoras que desafiam os princípios éticos e políticos dos movimentos feministas.

Esta observação se atenta em como discursos antifeministas, ao criticar e desqualificar os movimentos feministas, acusa-os de distorcer valores morais e promover o caos social, defendendo em contrapartida uma "moralidade tradicional". Observa-se que o antifeminismo atrai até mesmo mulheres que se sentem satisfeitas com seu papel tradicional e consideram o feminismo um ataque à feminilidade e aos valores familiares. Assim, a pesquisa reflete sobre o motivo pelo qual, em pleno século XXI, as mulheres se opõem ao feminismo, desvendando as ideologias conservadoras que sustentam a hegemonia masculina e restringem o feminismo a uma disputa entre gêneros.

**MATERIAIS E MÉTODOS**

**Composição das materialidades analíticas**

Para compor o material de análise e discussão do tema desta pesquisa foram selecionados artigos publicados em sites e páginas de notícias na internet durante os últimos anos que foram considerados relevantes por conterem informações e reflexões que abordam temas relacionados aos movimentos feministas e antifeministas.

Entre os textos escolhidos, o primeiro material intitula-se *De* *que maneira o feminismo tornou-se inimigo da sociedade?¹*, publicado em 20/11/2010, no caderno *Democracia e Diplomacia* do portal de notícias *Uol,* com autoria de Camila Galetti, mestre e doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal de Brasília (UnB) e pesquisadora do projeto Mulheres Eleitas do LAPPCOM/UFRJ, Laboratório de Eleições, Partidos e Política Comparada, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) que analisa a crescente adesão ao antifeminismo e o esforço patriarcal para manter mulheres em papéis tradicionais.

 O segundo material integrante é intitulado *Anti-feminismo: como ele fere pessoas de todos os gêneros incluindo homens?²*, publicado em 11/03/2020 no blog Blogueiras Feministas e com autoria de de Ana Carolina da Mata, blogueira e feminista, defensora dos direitos das mulheres, que discute o impacto do antifeminismo em todos os gêneros.

 O terceiro artigo selecionado é *(Anti) Feminismo em Pauta³*, publicado em 11/03/2020 no site Carta Capital, de autoria do advogado de Igor Leone, que atua como editor de justiça no site.

 O quarto artigo selecionado intitula-se *O verdadeiro poder feminino*, de autoria da Deputada Federal Bia Kicis, publicado em 08/07/2020 no site *pleno news*, no caderno *Pauta Brasil*.

 Por fim, o quinto texto selecionado para compor este *corpus* intitula-se Movimento Red Pill revela a face cruel e reacionária do machismo nas redes, publicado em 10 de março de 2023 no site da revista VEJA, com autoria de Duda Monteiro de Barros.

**RESULTADOS E DISCUSSÕES**

**A construção dos discursos feministas e antifeministas**

 Camila Galetti (2020), em *De que maneira o feminismo tornou-se inimigo da sociedade?*, analisa a expansão do movimento antifeminista, que atrai cada vez mais mulheres. Galetti ressalta o papel dos movimentos feministas nas conquistas para o gênero feminino e critica o sistema patriarcal, que tenta reverter essas conquistas, confinando as mulheres ao ambiente privado e ao silêncio. Ela argumenta que a mobilização contínua é essencial, pois os esforços de invisibilização e silenciamento das mulheres são constantes. Galetti também enfatizou que o corpo feminino se torna um "território de disputa", reforçando a importância de resistir às forças que visam limitar as mulheres ao espaço doméstico. Sobre as tentativas de desmonte dos ideais feministas que norteiam as lutas dos movimentos a pesquisadora alerta que:

Para além do desmantelamento, o giro à direita atrelado ao neoliberalismo tem conseguido acessar as subjetividades femininas ao ponto de muitas de nós, mulheres, sermos coniventes com narrativas que pautam um antifeminismo ou a negação das desigualdades de gênero (Galetti, 2020).

 A pesquisadora ainda aborda como o antifeminismo promove uma visão tradicional de feminilidade, acusando o feminismo de contradizer a "natureza feminina" e os atributos considerados inerentes à sexualidade feminina. Ela destaca a influência do Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos do governo Bolsonaro, que formula posições voltadas às pautas feministas, influenciadas por bases religiosas e ideológicas.

Galetti observa que a unificação de segmentos como mulheres, família e direitos humanos em um único ministério ignora as singularidades individuais, reforçando uma perspectiva neoconservadora que resulta em retrocessos para as conquistas feministas. Ela também enfatiza a diversidade das experiências femininas, observando que "não existe uma categoria única do ser mulher", pois as opressões variam por raça, classe e sexualidade. Concluindo, Galetti afirma que os movimentos feministas são essenciais para a sociedade e não devem ser vistos como "inimigos políticos a serem eliminados".

Ana Carolina da Mata, em *Anti-feminismo: como ele fere pessoas de todos os gêneros, incluindo homens* (2020), analisa a incompreensão sobre o feminismo, que leva algumas mulheres a preferirem o termo "humanista" como mais positivo e inclusivo. Mata explica que o feminismo não visa a supremacia de um gênero, mas sim a desconstrução de um sistema de opressão baseado em gênero, beneficiando todas as pessoas ao combater diferentes formas de discriminação. Ela explora três pontos para dúvidas claras sobre o feminismo. Primeiro, destaca que o patriarcado oprime também os homens, exigindo deles agressividade e repressão emocional, impondo a ideia de que "homem não chora". Em seguida, examina-se o papel de grupos anti feministas, incluindo setores religiosos que condenam o feminismo por motivos ligados a dogmas, e ativistas que negam conquistas feministas e desqualificam denúncias de violência. Finalmente, Mata discute a resistência de alguns ao feminismo por erros do passado, como questões raciais dentro do movimento.

Mata conclui que o feminismo existe para desafiar as estruturas tradicionais de poder, e essa oposição frequentemente surge de grupos que se beneficiam dessas estruturas. Ela reforça que o feminismo busca igualdade, combatendo não apenas o sexismo, mas toda forma de dominação, sendo, portanto, uma ferramenta que beneficia a sociedade como um todo.

No texto *Anti-feminismo em Pauta*, Igor Leone discute a posição de Ana Caroline Campagnolo, Deputada Estadual de Santa Catarina, que, embora não se declare antifeminista, critica o movimento feminista por sua suposta parcialidade, por negar a identidade feminina e rejeitar a fé cristão, considerado a base da sociedade ocidental. Campagnolo também acusa o feminismo de promover uma “revolução sexual” que nega as diferenças biológicas entre homens e mulheres.

Ana Caroline Campagnolo destaca sua experiência com o movimento feminista e revela seu descontentamento:

Em 2012, quando comecei a estudar aborto, movimento feminino, direito ao voto. Foi este o tema do meu projeto de mestrado. Meu interesse no feminismo, a princípio, era isento. Eu não sabia o suficiente sobre para me posicionar a favor ou contra. Ai me propus a estudar. […] Quando eu comecei a estudar o movimento, a primeira definição que eu encontrei foi a que defendia os direitos civis das mulheres. Direitos iguais, direito ao trabalho, direito ao voto, enfim, o reconhecimento desses direitos. Ou seja, na primeira impressão, eu não tinha nada contra isso […]. Eu me voltei contra o movimento feminista quando eu descobri que essas bandeiras de reconhecimento de direitos são falsas. São uma maquiagem de algo muito mais obscuro que recebe o nome de revolução sexual, que é a transformação dos comportamentos, da relação e da diferenciação entre homem e mulher (CAMPAGNOLO, 2017).

Igor Leone, em *Anti-feminismo em Pauta* , compara as declarações de Ana Caroline Campagnolo sobre o feminismo aos discursos feministas em eventos oficiais, destacando os riscos da parcialidade ao analisar o movimento, que é amplo e envolve aspectos históricos, sociais e políticos. Leone faz referências a pesquisadoras sobre feminismo e gênero, ressaltando sua contribuição para leis em prol dos direitos das mulheres. No entanto, ele observa que a sociedade muitas vezes vê apenas partes do feminismo, sem considerar sua totalidade (LEONE, 2019).

Para Leone, as leis que refletem interesses específicos de seus criadores, e o feminismo podem reproduzir essa parcialidade ao defender direitos apenas de alguns grupos de mulheres. Relembrando a fala de Campagnolo, ele argumenta que “o conhecimento sobre o que se fala é imprescindível” e que o gênero não exige apoio automático ao feminismo (LEONE, 2019). Ele aponta também para rupturas internas no feminismo, que considera relevantes, observando que ser mulher não garante compreensão mútua entre todas as mulheres. Crítica, ainda, um “feminismo excludente” que privilegia determinadas vozes em detrimento da diversidade feminina, e conclui que essas divisões dentro do movimento conservadores contribuem para o sentimento antifeminista na sociedade.

No artigo *O Verdadeiro Poder Feminino*, a deputada Bia Kicis argumenta que as conquistas femininas do século XX resultaram mais de mudanças no mercado de trabalho e transformações sociais do que das ações dos movimentos feministas. Para Kicis, o termo “empoderamento” é inadequado, pois implica que as mulheres não possuem poder, enquanto ela defende que o poder feminino é inerente à sua condição na sociedade. Ela relaciona a entrada das mulheres no mercado de trabalho às necessidades da época de guerra e aos avanços tecnológicos, que facilitaram sua inclusão, mas também privaram de direitos como cuidar do lar.

Kicis afirma que o feminismo vai contra características biológicas essenciais, dizendo que a maternidade é um privilégio exclusivamente feminino, imutável por qualquer ideologia, argumentando que: “qual tarefa neste mundo pode ser mais nobre do que formar um ser humano desde o início? Isso é um privilégio exclusivamente feminino e sempre será. Somente as mulheres têm útero e nenhuma ideologia será capaz de mudar esta realidade” (KICIS, 2020).

Ainda segundo Kicis, ao discutir o direito ao voto, ela sugere que tal conquista foi resultado de concessões sociais, mais do que de luta feminista, e enfatiza que os homens aceitaram esse "privilégio" sem exigir igualdade plena nas obrigações, como o alistamento militar. Além disso, ela menciona que como só os homens participavam desses eventos caberia apenas a eles esse direito de escolha, mas, apesar disso, foram generosos e fizeram a concessão que permitiu às mulheres o direito de votar, argumentando: “quando as mulheres conquistaram o direito ao voto sem ter a obrigação de alistarem-se no exército, estamos falando de privilégios e não de direitos iguais e os homens aceitam isso de bom grado” (KICIS, 2020).

A Deputada também menciona o movimento anti-sufragista, que contava com a participação de mulheres que protestavam para manter seu direito de não votar. Em sua visão, o feminismo busca afastar as mulheres de sua essência feminina, forçando-as a um papel masculinizado, ao contrário de suas características naturais e peculiares Além disso, para ela, o movimento feminista objetiva retirar da mulher a sua essência feminina, de mulher, mãe e dona de casa para obrigá-la a tornar-se um ser diferente, contrário à sua natureza, masculinizado e privado de suas características peculiares, que as singularizam, e as tornam especiais (KICIS, 2020):

Muitas mulheres acabam caindo em falácias do movimento feminista por desconhecerem certos pontos importantes com relação às suas pautas. Dizem que a mulher pode ser o que ela quiser, mas hoje parece um crime a mulhere~~s~~ o fato de desejar ser dona de casa, construir uma família e ser a RAINHA do lar (KICIS, 2020).

 Kicis conclui seu artigo destacando a necessidade de valorização da identidade feminina, com toda sua diversidade e ressaltando a liberdade de escolha da mulher, que não deve ser obrigada a fazer escolhas contrárias aos seus desejos:

Quero passar a mensagem de que independente do que algumas ideologias pregam por aí, as mulheres sempre foram muito poderosas sim e não há necessidade de “empoderá-las”. Que cada vez mais as mulheres tenham liberdade para exercer seus talentos, embelezar o mundo e encantar a todos de um jeito que somente nós, mulheres, conseguimos fazer KICIS, 2020).

**Reverberação e constituição do discurso antifeminista**

Ataques aos movimentos feministas, como as declarações da Deputada catarinense, que acusa o feminismo de defender interesses restritos e desconstruir a definição de gênero, além do artigo de Bia Kicis, que desvaloriza conquistas como o direito ao voto e ao trabalho, atribuindo-as ao avanço social e de mercado, reflete uma longa oposição ao movimento feminista. Esse antagonismo persistente suscita debates sobre o papel das mulheres na sociedade e na família, ao mesmo tempo em que gera dúvidas sobre a legitimidade do feminismo e compromete sua imagem pública.

A pesquisadora Rita Terezinha Schmidt, em *Refutações ao feminismo: (des)compasso da cultura letrada brasileira* (2006), examina a postura da elite intelectual brasileira, que frequentemente questiona e desqualifica as lutas dos movimentos feministas, reforçando essa oposição histórica.

Vulgarizar o feminismo e associá-lo às noções de marginalidade e anacronismo para marcar a natureza de algo que não é bom, sadio e desejável para a sociedade brasileira tem sido parte da estratégia quase desesperada de parte de segmentos da elite intelectual, em sua tentativa de desqualificar os avanços sem precedentes das conquistas feministas (...) (SCHMIDT, 2006, p. 766).

Schmidt analisa a origem dos discursos intelectuais sobre o direito de cidadania das mulheres e sua prática em uma sociedade historicamente patriarcal. Ela destacou os prejuízos que esses discursos causam aos movimentos femininos, ressaltando que o problema está na necessidade de manter o poder da elite dominante.

Como se pode observar, o rechaço assume variadas formas, quer pela via da retórica do declínio e da forma caricata, quer pela via do fraseado erudito, uma armadilha para leitores/as não versados/as nas sutilezas de um discurso que não tem outro propósito a não ser descartar tudo o que estiver relacionado ao feminismo e aos direitos das mulheres. (..) produzem efeitos discursivos derivados de uma mesma matriz hegemônica que é a misoginia, cujo intento sempre foi o de normatizar, regular e controlar o espaço, os papéis e as intervenções das mulheres na vida social (SCHIMDT, 2006, p. 770).

A concretização do discurso antifeminista na sociedade preocupa por reduzir conquistas femininas e aumentar a segregação das causas feministas, tornando o movimento um alvo de oposição. Esse discurso, agora fortalecido em esferas governamentais, é usado para propagar ideias que distorcem as lutas feministas por igualdade, retratando-as como ameaças. Sob a bandeira do "verdadeiro poder feminino", o antifeminismo exalta a fragilidade e feminilidade das mulheres, acusando o feminismo de negar-lhes o direito de serem "apenas mulheres" – frágeis, sensíveis, mães e donas de casa –, sugerindo que o movimento exige comportamentos opostos à sua "natureza delicada".

Pode-se afirmar que a oposição à luta das mulheres e ao feminismo se alimentou e ganhou força justamente através da retórica da família – da grande e harmoniosa família miscigenada cristã brasileira, na visão idealizada de Gilberto Freyre, em seu clássico Casa-Grande & Senzala 28, uma retórica que, amparada pelo Estado e pela Igreja desde o passado, vem jogando para baixo do tapete toda a tragédia decorrente do autoritarismo, da violência, da luxúria e da bastardia que marca nossa história (SCHIMDT, 2006, p. 776).

O antifeminismo desvaloriza conquistas como o direito ao voto e ao trabalho, tratando-as como resultado de uma evolução social natural, não da luta feminista, o que ignora o caráter político e amplo do feminismo. Esse movimento, às vezes representado por mulheres, acusa o feminismo de ser ditatorial, impondo escolhas às mulheres e distorcendo seu propósito emancipador, que abrange direitos trabalhistas, participação pública e autonomia sobre o próprio corpo, muitas vezes apropriado pelo olhar masculino e colonizador. Essa visão parcial é alimentada pelo uso inadequado de discursos, como os de Simone de Beauvoir, que adverte: “o opressor não seria tão forte se não encontrasse cúmplices entre os próprios oprimidos” (Beauvoir, 1967, p. 490).

**Movimento Red Pill: O discurso misógino e opressor contra as mulheres**

Entre os discursos antifeministas mais conhecidos, há o movimento Red Pill, um movimento que se caracteriza por ser uma união de homens que se opõem ao “sistema que favorece as mulheres”.

Foi popularizado nas redes sociais com o intuito de reafirmar valores morais e descredibilizar o movimento feminista, promovendo ódio contra as mulheres e recrutando meninos jovens para tornarem-se futuros opressores. De acordo com Duda, a ideia principal é se dividir em uma hierarquia como alfa, que são homens com alto poder aquisitivo, e os betas que são os iniciantes, ingênuos, que são treinados para se tornarem alfas, e com isso se espalhar nas redes sociais para promover ideias deturpadas de que os homens devem se opor às mulheres, passando a se tornar o aproveitador e, incentivar a ideia de que as mulheres são interesseiras, manipuladoras e infiéis. Esse tipo de discurso se propaga para descredibilizar ainda mais a luta das mulheres pela igualdade de gênero, fomentando os discursos conservadores, visto que, o movimento Red Pill prega a ideia da mulher certinha e submissa, e aumenta ainda mais o índice de feminicídio e violência doméstica.

 **Feminismo x Antifeminismo: embate no campo discursivo**

Em consonância com o estudo, esse movimento teórico-analítico permite observar como discursos conservadores segregam as mulheres e invisibilizam sua luta pela igualdade de gênero. Michel Foucault, em sua aula inaugural no College de France, em "A Ordem do Discurso" (1970), aponta o discurso como o palco central para confrontos ideológicos, incluindo o embate entre feminismo e antifeminismo.

Segundo Foucault, o discurso é o lugar mais propício para embates e porque não dizer, combates, acerca de dois temas muito relevantes para os feminismos:

Notaria apenas que, em nossos dias, as regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e da politica: como se o discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro, no qual a sexualidade se desarma e a politica se pacifica, fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes (FOUCAULT, 1970, p. 9-10).

Para Foucault, o discurso é uma fonte de poder e dominação, não apenas traduzindo lutas, mas sendo "aquilo pelo que se luta, o poder do que nós queremos apoderar" (Foucault, 1970, p.10). Ele identifica sistemas de exclusão que limitam o discurso: a “palavra proibida” (ideias que não podem ser expressas), a “segregação da loucura” (desqualificação de autores considerados loucos), e a “vontade de verdade” (que se opõe à busca pelo saber) (Foucault, 1970, p.19). Essa "vontade de verdade" no século XIX é autônoma, ignorando convenções e formando uma história independente, uma busca própria que se distancia das verdades impostas e do conhecimento clássico (Foucault, 1970, pp. 16-17).

Ora, essa vontade de verdade, como os outros sistemas de exclusão, apoia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um conjunto compacto de práticas (…) é reconduzida pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído (FOUCAULT, 1970, p. 17).

No debate sobre o feminismo, enquanto movimentos feministas lutam por uma nova posição da mulher na sociedade, algumas representantes femininas eleitas usam sua influência para deslegitimar essas causas, enfraquecendo sua relevância. Esse embate afeta a população, que, muitas vezes, adere a discursos que reforçam a subserviência feminina e desvalorizam conquistas históricas do feminismo. Esse fenômeno reflete a “vontade de verdade” de Foucault, onde o discurso antifeminista atua como uma forma de coerção, desqualificando e silenciando o conhecimento feminista.

 **Antifeminismo: (re)afirmação ao conservadorismo**

O movimento feminista surge como resistência ao discurso conservador, questionando identidades de gênero e expondo as relações de poder e misoginia que marginalizam as mulheres e excluem suas pautas do espaço público (RAGO, 2001, p.9). O conservadorismo, por sua vez, apagou discursos de mudança e estabilização de papéis sociais tradicionais, usando saberes legitimados para manter a distribuição de poder entre classes e gêneros. A adesão de mulheres ao antifeminismo pode ser compreendida através de três fatores: a influência do patriarcado histórico, o sistema capitalista que reforça desigualdades, e a pluralidade das pautas feministas, que leva o discurso dominante a desqualificar o movimento como um todo.

Estes movimentos feministas sempre buscaram a igualdade de direitos sociais e civis para as mulheres. Margareth Racco, em *Feminizar é Preciso: por uma cultura filógena* (2001), ressalta que o feminismo propõe a ressignificação da mulher frente à dominação patriarcal histórica, apresentando o discurso antifeminista presente na sociedade.

(…) uma das questões centrais do feminismo, antes e agora, têm sido a de propor a construção de identidades femininas sob outras bases e parâmetros conceituais. Uma recusa, portanto, das formas de sujeição impostas pelo olhar masculino, pela ciência, pela moral e pela cultura masculinas (..) (RACCO, 2001, p. 59).

Narvaz e Nardi (2007) definem o feminismo como um movimento plural, que visa a igualdade de direitos civis, políticos e educacionais para as mulheres, reconhecendo homens e mulheres como equivalentes. A diversidade do movimento impede que ele seja visto como restrito a minorias. Racco (2001) observa que conquistas feministas trouxeram avanços na ciência e na política, enquanto críticas antifeministas tentam desqualificar o feminismo com estereótipos, acusando-o de negar a feminilidade. No entanto, o feminismo busca reduzir desigualdades de gênero, sem impor comportamentos.

O movimento feminista denuncia que a experiência masculina tem sido privilegiada, enquanto a feminina, negligenciada e desvalorizada, assinalando as desigualdades entre homens e mulheres e desvelando as formas de opressão patriarcal e seus mecanismos de ocultamento (NARVAZ e NARDI, 2007, p. 49).

Ser feminista não exclui ser feminina; trata-se de uma posição ideológica que defende a equidade social e pode ser atualizada por qualquer pessoa que reconheça as desigualdades históricas enfrentadas pelas mulheres. Os feminismos defendem o direito de escolha das mulheres sobre seus papéis na sociedade, permitindo-lhes exercer livremente suas habilidades e competências. A Deputada Kicis (2020), em seu artigo antifeminista, destaca o valor das mulheres em “embelezar o mundo e encantar a todos”, um ideal que os feminismos também buscam e protegem.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As propostas antifeministas desqualificam as conquistas feministas ao apresentá-las como mudanças naturais e negam a feminilidade das ativistas, enfraquecendo a identidade feminina e dificultando o engajamento social das mulheres. O slogan “sou feminina, não feminista” reflete um discurso que opõe feminilidade e feminismo, fortalecendo o sistema de dominação masculina e restringindo as mulheres ao espaço privado. Além disso, ao acusar o feminismo de violar preceitos cristãos, questiona-se se a dominação e marginalização das mulheres são compatíveis com os valores de amor e livre-arbítrio da filosofia cristã.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BARROS, Duda Monteiro de. ***Movimento Red Pill revela a face cruel e reacionária do machismo nas redes*.** Veja, 10 mar. 2023. Disponível em: https://veja.abril.com.br/comportamento/movimento-red-pill-revela-a-face-cruel-e-reacionaria-do-machismo. Acesso em: 2 out. 2024.

BEAUVOIR, S. **O Segundo sexo**. Vol 2. Difusão Européia do Livro. 1967

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. 5ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 1970.

FOUCAULT, M. **Um diálogo sobre os prazeres do sexo**. São Paulo: Landy,1982

FOUCAULT, M. (1979) **Microfísica do Poder**. Organização, introdução e revisão técnica: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 3ª edição, 1982**.**

GALETTI, Camila. **De que maneira o feminismo tornou-se inimigo da sociedade?** Democracia e Diplomacia. Uol Notícias. 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/democracia-e-diplomacia/2020/11/20/de-que-maneira-o-feminismo-tornou-se-inimigo-da-sociedade.htm> Acesso em: 21/10/2021

KICIS, Bia. **O verdadeiro poder feminino**. Pauta Brasil. Pleno.News. Disponível em: <<https://pleno.news/opiniao/bia-kicis/o-verdadeiro-poder-feminino.html> Acesso em: 21/10/2021.

LEONE, Igor. **(Anti) Feminismo em Pauta**. Carta Capital. 2019. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/justica/antifeminismo-em-pauta/> Acesso em: 21/10/2021.

MATA, Ana Carolina da. **Antifeminismo: Como ele fere pessoas de todos os gêneros incluindo homens**. Blogueiras Feministas. 2020. Disponível em: <<https://blogueirasfeministas.com/2020/03/11/antifeminismo-como-ele-fere-pessoas-de-todos-os-generos-incluindo-homens/> Acesso em: 21/04/2021

NARVAZ, Martha; NARDI, Henrique Caetano. **Problematizações feministas à obra de Michel Foucault**. Revista Mal-estar subj. Vol.7. n.1. Fortaleza, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/1573>> Acesso em: 07/10/2023

RAGO, Margareth. **Feminizar é preciso: por uma cultura filógina**. In: Revista São Paulo Perspectiva. Vol.15 nº.3. São Paulo, 2001. P. 1- 12. Disponível em: <http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v15n03/v15n03_08.pdf> Acesso em: 07/10/2023.

SCHMIDT, Rita Terezinha. **Refutações ao Feminismo: (Des) Compassos da Cultura Letrada Brasileira**. In: Revista Estudos Feministas. Vol 14 nº 03. Florianópolis, 2006. P. 765 – 799. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2006000300011 Acesso em: 21/04/2023.

VAN DIJK, T. **Discurso e poder**. Trad. Judith Hoffnagel, Karina Falcone. São Paulo: Contexto, 2008.

WOOD, Ellen Meiksins. **Democracia contra capitalismo: a renovação do materialismo histórico**. Boitempo. 2003.

1. O presente trabalho foi realizado com apoio CNPq por meio de bolsa concedida a estudante Rainny Santos da Cruz [↑](#footnote-ref-0)